

AÇÃO DIRETA

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

Estuda o anarquismo.
Ele mostra, aos homens desiludidos
de partidos políticos, a verdadeira so-
lução do problema humano!

ANO I

Rio de Janeiro — Quarta-feira, 20 de novembro de 1946

N.º 25

21 de novembro de 1936

BUENAVENTURA DURRUTI O gigante da defesa de Madrid

Por MANOEL PERES

«—Un gigante con corazón de niño—»

No dia 5 de janeiro de 1936, no grande comício celebrado no Cinema Olympia de Barcelona e no qual tomei parte com Fidel Miro, García Oliver e Buenaventura Durruti, eu iniciei o meu discurso com estas palavras: «—Acabais de escuchar el verbo elocuente y sincero de Durruti, este gigante con corazón de niño—».

Estas palavras, singela homenagem ao querido companheiro de lutas, adquiriram, a partir desse dia, grande popularidade entre os trabalhadores de Barcelona que tinham admiração profunda ao grande Durruti, e desde então, ao pronunciarem o seu nome, exclamavam com entusiasmo: «Es um Gigante de las Ideas».

Paris, 1925-26

Conheci Durruti lá pelos anos de 1925-26, nesse Paris grandioso e hospitaleiro que então abrigava centenas de militantes da CNT e do Movimento Anarquista Espanhol. Lutavam no exílio contra a funesta ditadura do general Primo de Rivera.

Um dos pontos de reunião dos refugiados era a *Librairie Internationale*, instalada na *rue Petit*, e mais tarde na *rue des Prairies*. Para a instalação desta livreria, verdadeiro núcleo de cultura e propaganda, Ascaso e Durruti entregaram, ao chegar a Paris, todas as suas economias num rasgo simbólico do seu grande amor à causa da liberdade.

Nessa época, a vida de Durruti e de seu inseparável companheiro de lutas, Francisco Ascaso, correu sério perigo. Alfonso XIII visitou Paris, e a polícia francesa, pretextando um atentado frustrado contra o fatídico monarca, ordenou a detenção de Ascaso, Durruti e Jover.

Estes lutadores foram brutalmente espancados na lúgubre «Cité» e ameaçados de ser entregues ao ditador espanhol que pedira sua extradição para assassiná-los, o que não foi feito, graças à intensa campanha de agitação que organizou o proletariado francês auxiliado pelos seus irmãos da Bélgica e da Suécia.

Postos em liberdade, após longos meses de prisão, e decretada a sua expulsão da França, Durruti e seus companheiros emigraram para a Bélgica onde continuaram lutando pela liberdade do povo espanhol.

1931. A República Villa Cisneros.

Como a maioria dos refugiados Durruti regressou à Espanha após a proclamação da República em 1931. O novo regime, embora chamando-se a si próprio *República de Trabajadores* na a fez

em benefício da classe produtora, como geralmente acontece quando as transformações tem apenas caráter político. Os elementos de repressão criados pela monarquia continuavam de pé, e prova disso é que, no dia 27 de maio de 1931, dois meses após a instauração do chamado *regime democrático*, a celerada Guardia Civil disparava suas armas con-



Buenaventura Durruti

tra os pescadores de *Pasajes*, (San Sebastian) quando estes acudiam à porta do Governo Civil pedindo um pouco de pão e de justiça. Esse bárbaro atentado custou a vida a 23 trabalhadores!

Fatos idênticos aconteciam em toda a Espanha e, em Barcelona, o núcleo mais formidável do proletariado espanhol, Durruti lutava sem descanso para que o povo conquistasse um pouco de liberdade. Essa luta havia de culminar na greve revolucionária de 8 de janeiro de 1932.

Dominada esta pelas forças reacionárias, o Governo Republicano Socialista, do qual era ministro do trabalho Largo Caballero, cometeu um atentado brutal e vergonhoso. A bordo do vapor *Buenos Aires*, velho navio sem condições de segurança, enviava às terras inóspitas de *Villa Cisneros* mais de 80 militantes da Confederação Nacional do Trabalho e da Federação Anarquista Ibérica, entre eles o grande Durruti, os irmãos Francisco e Domingo Ascaso, Manuel Perez Felíu, Tomaz Caño Ruiz, Fernando Ucles, Juan Arcas e muitos outros cujos nomes é impossível recordar neste momento.

E enquanto perseguia os trabalhadores conscientes, a República permitia que os reacionários conspirassem livremente. O resultado dessa complacência não se fez esperar. No dia 10 de agosto de 1932, o General Sanjurjo dava em Sevilha o seu grito de revolta.

A sublevação fascista de Sanjurjo fracassou graças à energia dos trabalhadores da C. N. T. e

dos militantes da F. A. I. que declararam a Greve Geral Revolucionária e, unidos a alguns elementos leais ao regime, dominaram os rebeldes em menos de 48 horas.

Assustado com o clamor público, que este fato provocara, o governo ordenou a volta imediata dos deportados de Villa Cisneros que seriam substituídos no desterro — de acordo com a exigência do povo — pelos conspiradores fascistas de Sevilha.

O «Ciudad de Cadix», vapor no qual viajava Durruti, ao se regresso de Villa Cisneros fez escalas em Santa Cruz de Tenerife onde eu me encontrava naquela época exercendo o cargo de Secretário da Confederação Regional do Trabalho de Canárias.

Organizamos um comício em regozijo pela liberdade dos companheiros, no qual, além de Durruti e eu, tomaram parte, Tomaz Caño Ruiz, Francisco Ascaso e Manuel Perez Felíu. Durruti que foi o último a falar terminou o seu discurso com as seguintes palavras: «— Muchachos... Vamos a Barcelona, a empezar otra vez, que la revolución está em marcha...»

8 de dezembro de 1933
Durruti volta à prisão...

Nas eleições de 1933, às quais acorreram, pela primeira vez, as mulheres, triunfaram as direitas. O proletariado, tão cruelmente tratado pela república, não quis acudir às urnas, convencido de que o voto, longe de libertá-lo, o amarrava mais e mais ao carro do tirano.

A C. N. T. que não concorrera às urnas para consolidar o regime empunhou armas para conquistar revolucionariamente um pouco de liberdade e de justiça e, no dia 8 de dezembro, era dado, em Saragoça, o grito de revolta. Ficaram sós os homens da C. N. T. e da F. A. I. Os demais sectores do proletariado não responderam e, mais uma vez, triunfou a reação. Os dirigentes do movimento foram encarcerados e, entre eles, como sempre, estava o grande lutador Buenaventura Durruti...

Três meses permanecemos juntos na prisão de Saragoça, pois também fui preso em Tenerife e enviado à capital de Aragão. Com Durruti e no mesmo presídio estavam Joaquín Ascaso, Emilio Molins, Eusébio Carbó, Isaac Puente, notável médico de Alava, os irmãos Alcrudos, famosos médicos de Saragoça e mais de 300 camponeses da região.

Astúrias. Outubro de 1934.
Durruti preso em Barcelona.

Simultaneamente com a revolução das Astúrias devia surgir um movimento idêntico em Barcelona. É claro, na Capital da Catalunha, ele teria um caráter

francamente político pois era dirigido por elementos da *Esquerda* de Catalunha. Os homens da C. N. T. e da F. A. I. podiam ser um perigo e o Governo da Generalitat — Governo da Catalunha — ordenou, dias antes, a detenção de Ascaso, Durruti e muitos outros militantes do movimento confederal... Quanta ironia e quanta traição...

A revolução falhou em Barcelona e a polícia reacionária de Lerroux e Gil Robles não teve o trabalho de prender a Durruti e Ascaso. Os homens da República já lhes tinham feito previamente esse serviço...

Durruti na intimidade.

Antes de expor o que foi o 19 de julho em Barcelona e a atuação heroica de Durruti, quero revelar aos amigos uns episódios íntimos de sua vida. Durruti possuía uma casa pequena, dedicada à causa dos oprimidos, à conquista da liberdade.

A companheira de Durruti era francesa; e, como ele, anarquista, e como ele, lutadora infatigável pela causa dos oprimidos. Tinha o casal uma filhinha que adoravam, chamada Colé. Recordo-me de que, muitas vezes, quando tomávamos café no célebre *Bar de la Tranquilidad*, nome que lhe puseram ironicamente por ser o ponto de reunião

deles do lar trabalhando como bilheteiro de um cinema.

Um dia, ao penetrar no apartamento de Durruti, encontrei-o muito atrapalhado banhando a sua pequena Colé que ria alegremente. Vendo que eu o olhava sorridente, Durruti pronunciou muito sério as seguintes palavras:

«—Mira viejo — Algun inconsciente, al verme de esta forma, diria seguramente que esto que hago es propio de un mariquita, yó sin embargo creo que es propio de un hombre—»

— Tu ves, baño a mi nena y en el fuego tengo la sopa herviendo; así, cuando la compañera llegue del trabajo encuentra la casa barrida, la niña limpia y la comida preparada. Seria um covarde si dejara este trabajo para una mujer que con su sacrificio consigue lo necesario para que en este hogar no falte nada de nada.

Que belo exemplo de abnegação e de dignidade.

O boné de Durruti

Na maioria das fotografias, Durruti é visto com um boné alto o qual lhe dá um aspecto militar. Devo esclarecer, entretanto, que esse boné nada tinha de comum com o quepi oficial usado pelo exército republicano na época da sublevação fascista.

Em castelhano o seu verdadei-



Aspecto do enterro de Durruti em Madrid

ros elementos da C. N. T., Durruti, sentando a filhinha no colo, exclamava com orgulho: *Esta será anarquista como su padre.*

Durruti e eu morávamos numa pequena rua da Barriada de Sanz, baluarte confederal e anarquista, eu no n. 11, ele no n. 13. Diariamente fazíamos visitas um ao outro e, numa dessas visitas, presenciei um espetáculo maravilhoso que dignificava aquele homem extraordinário.

Era no princípio de 1936. Durruti não tinha trabalho; era um indesejável para os patrões que o temiam pelo seu espírito revolucionário. A companheira, boa e dedicada, fazia frente às necessi-

do nome é gorra. Quando Durruti apareceu com a gorra à frente da sua coluna, todos a adotaram com entusiasmo, e tornou-se tão popular, que, quando alguém encontrava um miliciano com ela, surgia imediatamente esta afirmação: «Este pertenece a la C. N. T.»

Alguém perguntou um dia ao general Miaja: «Le gusta esta gorra Don José?» e ele, com grande entusiasmo, respondeu: «Como, no? basta que la use el gran Durruti».

19 de julho de 1936

Durruti... Durruti...

Viva la C. N. T... Viva

la F. A. I...

Foi no dia 18 de julho à tarde

(Continua na 4ª pag.)

Desconfiamos da UNRRA

P. FERREIRA DA SILVA

Dos milhões de crianças famintas da Europa, alguns milhares estão recebendo auxílio através de uma organização internacional que, tendo seus fundamentos na América, canaliza para os países devastados pela guerra gêneros e roupas, socorro e alívio para as vítimas do grande crime. Dos milhões de famílias esfrangalhadas, mães quase loucas e homens que perderam o rumo da vida, alguns milhares sentem que, depois de tanta crueldade sofrida, um sentimento piedoso vai até eles, de mão estendida, oferecendo-lhes um consolo em que, à força de golpes bárbaros, o seu coração já não acreditava.

Impressiona realmente o quadro triste das crianças olhando para um mundo cruel que lhes destruiu os lares e os brinquedos. Tão triste, que nem os sapatos perfeitos, nem o chocolate saboroso, nem a boneca americana, ou a camisola de lã, ou o sabão para banho, ou o pacote de farinha conseguem fazer germinar um sorriso, um pálido sorriso sequer a acompanhar o gesto de agradecimento que a sofreguidão faz esquecer.

Saberão ao menos essas criaturas quem lhes leva o tardio socorro? Lá de longe, terão aprendido a significação da palavra misteriosa, feia, áspera, que designa esse serviço? Por certo que não. Nem mesmo nós, aqui, sabemos isso muito bem. Chama-se UNRRA. Para os nossos ouvidos não é

nada agradável o som dessa palavra, formada de letras que se amontoam, sem personalidade, para batizar coisas burocráticas, de nomes compridos e pretensiosos.

Temos uma noção superficial do assunto. Os Estados Unidos fizeram a UNRRA e lançaram seus agentes pelos outros países, comprando gêneros para enviar aos povos necessitados da Europa. Dizem que essa organização se destina também a regular a distribuição dos artigos essenciais. O seu nome em inglês compõe-se de cinco palavras cujas iniciais formam o nome por que é conhecida.

Quem recebe o seu auxílio não quer saber de tais pormenores. Também não há de averiguar da sinceridade ou hipocrisia dos benfeitores. O estado das populações flageladas é muito diferente do nosso. Estamos num ponto em que podemos olhar para os dois lados. Tanto agora como nos tempos que passaram, sangrentos e detestáveis. Temos coração para sentir o que os outros sofreram. Temos lucidez para distinguir os que fizeram sofrer.

Por isso desconfiamos da UNRRA. Os homens que agora tanto se preocupam com a miséria da Grécia, da Jugo-Eslávia ou da China, estavam ontem nas secretarias de Estado que faziam a guerra. Nos gabinetes das indústrias que lucravam com a guerra.

Não mandaram os seus pacotes de roupa e choco-

late às crianças da Espanha, quando as armas fornecidas pelos «trusts» internacionais às hordas fascistas de Franco fizeram tanta orfandade na península heróica.

As conferências do pós-guerra inquietam os povos do mundo com os seus choques de interesses. Os vencedores não se entendem, e toda a gente sabe o que isso significa. Ninguém mais hesita em falar de nova guerra. Para fazê-la, precisam de material humano. Se as populações morressem de fome e doença, como formar os seus novos exércitos? Os generais sozinhos não lutam. Os financistas deixam-se ficar muito bem nos seus gabinetes confortáveis. Essa é a realidade do mundo. A realidade que os povos precisam de ver.

O dono de certa mansão senhorial era extremamente amigo dos pombos que alimentava por suas mãos, todos os dias, cheio de carinho. Parecia um S. Francisco de Assis alimentando os animais da floresta. O seu cuidado era comovedor. Vinham os pombos comer na palma da sua mão. Beijava-os com ternura. Era uma alma sensível. Mas, na sua mesa, havia, todos os dias, saborosos pratos de tenros pombos recheados.

Os homens da UNRRA nada fizeram para impedir a guerra. Nada fazem para impedir outra guerra. A sua ternura para as crianças que escaparam da guerra faz-nos desconfiar.

NÓS ANARQUISTAS

Nós, anarquistas, não nos interessamos por saber qual o sentido da vida. Para nós, tem a vida uma finalidade única: *ser consumida*. Como se pode consumir a vida? Pela mesma maneira por que se gasta uma vela. A vela utiliza-se queimando-se. A ideologia anarquista baseia-se na convicção de que só os valores materiais representam a base da vida humana, ou, em outras palavras, nós, anarquistas, somos *materialistas*.

Sabemos muito bem que o desenvolvimento do espírito humano se processa em condições materiais e não de outro modo. O homem não é um espírito, mas uma coisa muito real e, por isso, interessam-nos, antes de tudo, um bom prato e tudo quanto nos torna agradável a vida.

Sabemos que o espírito, a cultura, a cordialidade, a tolerância, o auxílio mútuo se encontram nas refeições abundantes e não nas religiões ou na melindrosa moral burguesa.

Foram os capitalistas os que proclamaram o evangelho do gozo e agora pasmam de haver sua doutrina encontrado adeptos entre nós.

Foram os capitalistas quem mostrou que não é só a pobreza e a fé por eles louvadas o que faz o homem feliz, senão principalmente as posses e a cultura. Nós compreendemos isso também.

Considerado nesse sentido, é o anarquismo uma doutrina desprezível. Nada pretendemos mais do que satisfazer nossas exigências vitais, antes de tudo a fome. Para consegui-lo temos de evitar que os espertalhões nos roubem os frutos do nosso trabalho e privações.

Essa é a nossa posição. Se outros querem dar à vida outra concepção, se pensam que se pode matar a fome com rezas e preceitos morais, tal opinião nos é indiferente.

Dentro da fôrma estatal, defrontam-se proprietários e não-proprietários, exploradores e explorados, usufrutuários e deserdados; em suma, certa minoria protegida contra a maioria desam-

parada; uns na riqueza e no mando, outros da pobreza e dependência.

Isso é mantido por um aparelho de força, o Estado, útil para os primeiros, mas infenso aos demais.

A classe possuidora acusa os anarquistas de criminosos por proporem a expropriação geral, sem refletir que ela, de fato, há séculos, expropria os proletários.

O mesmo sucede no Estado comunista russo, onde um partido, minoria parasita, explora o trabalhador. Sabemos, com efeito, que, em toda organização estatal, só existe uma ordem, a da polícia.

Com efeito, Estado e anarquia são termos contraditórios, pois o objetivo principal do Estado é manter a servidão dos que trabalham e o da anarquia suprimí-la de vez.

Para tanto, conta aquele com sua aliada, a Igreja, que ele conserva cuidadosamente apesar da ciência. Onde se ergue um crucifixo domina o Estado.

A nós anarquistas não interessa a recompensa de além-túmulo e o mundo dos espíritos deixamos para os ricos, pois nada sabemos de tudo isso. Toda essa credence é resto de superstições dos velhos tempos em que o sol fora feito para a terra, a terra para o homem e o homem para o céu. Nesse tempo, não tinha o homem consciência de ser ele o criador da sua própria fé, do seu deus antropomorfo e acabou supondo que seu deus o criou.

Se a charlatanice clerical é verdadeira, não compreendo porque não se metem os ricos a sacerdotes ou apóstolos, para salvar a alminha do inferno, em vez de se aferrarem a exploradores do próximo. Não é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no céu? Não foi Jesus quem disse isso?

Para livrar a humanidade do parasitismo capitalista, pregamos a *anarquia*. Tratamos de fazer o proletário raciocinar sobre as causas de sua miséria e considerar o

(Continua na 3ª pag.)

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSE' OITICA

Continuação do n.º 24

A história regista numerosos casos de invenções admiráveis combatidas e repelidas pelos contemporâneos do inventor, quer por industriais exploradores de processos velhos, quer pelos preconceitos religiosos ou políticos da época.

Em sociedade anárquica, isso não sucederá porquanto, para os trabalhadores, só há vantagem na adoção de novas máquinas ou processos valorizadores, dispensadores ou amenizadores do trabalho braçal.

Assim, haverá, nos municípios, laboratórios completos de pesquisas. Qualquer nova invenção será imediatamente estudada, experimentada e desenvolvida, assegurando-se ao inventor, o que raramente sucede hoje, a glória do seu invento ou da sua idéia.

102 — *Congressos* — Para ordenar essas pesquisas, além das revistas e jornais técnicos, haverá naturalmente congressos como atualmente se realizam. Esses congressos, tão dispendiosos hoje, nenhum embaraço encontrarão em sociedade anarquista, porquanto todos os transportes e hospedagem são feitos pelos próprios trabalhadores. Nesses congressos, propôr-se-ão à inventiva dos pesquisadores novos problemas e discutir-se-ão as probabilidades ou os melhores rumos.

103 — *Educação* — Educar é tornar o homem o mais capaz possível de aproveitar, do melhor modo, as energias física, mental,

moral, prática e social. Educação física é o cultivo da robustez — não da força —, da saúde, da agilidade. Educação mental é a formação da inteligência, seu desenvolvimento racional e harmônico — erudição, cultura, arte — Educação moral é o cultivo da vontade, sua direção na realização do bem-estar comum. Educação prática é o treino da habilidade técnica ou vocação profissional. Educação social é o aperfeiçoamento da solidariedade como multiplicador de energias.

104 — *Possibilidades da educação anárquica* — A educação integral é mui difícil no regime capitalista apesar do ensino gratuito. E' talvez impossível. Tão-tão são os obstáculos à ação pedagógica pela miséria das massas, pelo regime de coação, pelas religiões, pelos preconceitos sociais — família, raça, classe, casta — que uma educação racional, digamos, científica, só a raros seria possível.

Na sociedade capitalista, o preconceito de família, com os tais *direitos e deveres paternos* — em Roma tinha o *pater-familias* até direito de vender e matar —, deixa as crianças com os pais, ainda quando estes são sífilíticos, alcoólicos, ladrões, jogadores, etc.

Numa sociedade anárquica, onde tais vícios são impossíveis, seria lógico confiar aos pais a missão educadora. Mas, devemos considerar que tal missão é difícil, exige técnica e vocação que nem todos possuem. Reconhecendo isso, na sociedade atual,

os pais ricos mandam seus filhos para internatos, ou externatos, quer dizer, arreda-os completamente ou parcialmente de si, para submetê-los à direção de especialistas.

Em sociedade anárquica, a criança, desde o nascimento, será guiada pela associação de educadores, composta de médicos, higienistas e pedagogos especializados.

Como toda a gente é educada e as comunas são relativamente pouco povoadas, não há inconveniente na permanência da criança com os pais; porém, a vida em comum, por um lado e, por outro, o desenvolvimento do individualismo em oposição à vida doméstica — família — resquício do direito romano, afrouxarão, com certeza, muito os laços familiares e a criança desprender-se-á cedo, aos sete anos mais ou menos, da tutela paterna e materna. Pertencerá mais ao *educandário* comunal. Nele, desde a mais tenra idade, terá o zelo de profissionais que lhe cuidarão da saúde, da inteligência, dos sentimentos, da vontade, guiarão suas vocações, seu gosto com todos os recursos da psicologia moderna.

105 — *Critério da educação* — A educação, conforme entendo, deverá ter por critério a divisão natural, fisiológica e psicológica, das três fases septenais.

Até os sete anos, a criança tem apenas percepções — correlacionamento de sensações —. Aos sete anos, vem a segunda denti-

ção e com ela o empiricamente chamado *uso da razão*, isto é, a criança começa a ter *noções*, a correlacionar *percepções*. Aos quatorze anos, com a puberdade, vem o *raciocínio*, o correlacionamento das *noções*. Aos vinte e um, completa-se o crescimento e a educação preparatória. Pode então o homem escolher a *profissão*.

Esse critério educacional guiará os pedagogos da anarquia na organização dos métodos e programas.

Acho isso de relevante importância.

A organização de escolas e universidades será obra dos congressos de profissionais do ensino.

106 — *Serviços de conservação e higiene* — Esses serviços ficarão, naturalmente, a cargo dos sindicatos respectivos. A higiene individual pode facilmente ser perfeita, pois médicos, dentistas, hospitais com farmácias completas estão à disposição do trabalhador.

Hoje, por exemplo, é comuníssimo ver crianças desdentadas por não poderem os pais pagar o dentista. Em sociedade anárquica, o cuidado com os dentes é de interesse coletivo e constituirá serviço especial.

Outro exemplo: a limpeza das casas não será, provavelmente, feita pelos moradores, com os processos morosos, imperfeitos e anti-higiénicos de hoje, mas por um sindicato técnico, com apa-

relhos aperfeiçoados. O mesmo para asseio e conservação da roupa, permitindo a todos andarem sempre limpos e bem vestidos.

E' mui provável que se chegará a uma padronização de panos e demais produtos, de modo que sejam adotados os tipos *melhores e mais belos*.

106 — *A família* — E' de prever grande mudança na organização da família. A família atual está constituída sobre as bases do direito romano, tipo da autoridade levada ao sumo grau. A família era propriedade do *pater-familias* com direitos maritais e paternos tão grandes que podia vender e matar os filhos.

As revoluções históricas contra a autoridade tem diminuído muito esse poder do *chefe* da família. Em sociedade anárquica, sem chefes, o marido é apenas companheiro da mulher, a ela unido, não por laços jurídicos, senão apenas pelo amor. Os filhos serão naturalmente afeiçoados aos pais e por eles criados, mas sustentados e guiados pela comuna inteira, como seus associados.

Não havendo autoridades nem bens que regular, nem leis civis, nem, como prevemos, religiões, não existirá, evidentemente, a instituição, hoje sagrada, do casamento. A união dos sexos será livre e livre sua separação, regulada tão somente pelos preceitos da *eugenia* com o fim de aperfeiçoar os produtos.

CONTINUA

AÇÃO ANÁRQUICA

O caso dos motoristas e trocadores de ônibus

Lutam os motoristas e trocadores de ônibus pelas seis horas de trabalho e pelo aumento de 60%. Nada mais justo.

Dirigir diariamente esses ônibus cheios de funcionários do Estado, que são admitidos na condição de trabalharem 6 horas por dia, não é profissão, é escárnio moral, é um roubo das energias orgânicas. Se o sindicato dos motoristas e trocadores de ônibus exigir um estudo estatístico dos casos de tuberculosos existentes na classe, verão números de estropiar a vista. No entanto, o caso parece não interessar muito os proprietários de empresas de ônibus. É claro que o oprimido é quem deve locomover-se; se este fôr esperar do espírito generoso dos patrões, então é que a coisa vai piorar. Veremos o sangue dos motoristas servindo de gasolina, e família dos trocadores nos becos da Favela.

Plano de ação mal orientado

Esquecem-se os motoristas e trocadores de ônibus de quanta força possuem no Distrito Federal, e desviam-se do verdadeiro caminho — a Greve Geral — para pleitearem, junto à Câmara dos Deputados, seis horas de trabalho por dia e um dia de folga por semana. Pergunto eu que capacidade têm esses deputados para decidirem sobre este ou aquele problema gerado numa classe diametralmente oposta à sua? Sim! Que autoridade possuem nesse assunto de motoristas e trocadores? Porque serão eles, os barriga cheia, os grandes parasitas, os que só fazem leis, que irão determinar sobre as necessidades dos oprimidos, dos que trabalham, dos que dirigem ônibus dia e noite? Então os motoristas e trocadores são mais ignorantes nos seus problemas que os deputados que nunca dirigiram um ônibus uma vez sequer? O absurdo é grande. Invertamos os papéis e veremos que contrassenso seria um motorista de ônibus ou um trocador discutindo isso e aquilo na Câmara dos Deputados. «Quem conhece a pedra é o lapidador. Cada macaco em seu galho».

Patrão defende patrão

O erro dos motoristas e trocadores, em parte, é natural. Resta saber se foram eles mesmos que erraram, procurando deputados e ministérios, ou se foram políticos aproveitadores que, com suas charangas, desviaram os pobres trabalhadores.

Sabe-se de antemão que a lei defende, antes de tudo, os possuidores contra os não-possuidores. E não poderia ser de outro modo porque os que legislam, como nada fazem, são sustentados pelos que possuem e estes, pelos que trabalham.

Como poderão deputados e ministros tomar partido por motoristas e trocadores, se a lei defende, acima de tudo, os proprietários? O máximo que pode haver é uma tapeação muito bem engendrada, porque os políticos nisso são hábeis e, no fim, ficarem os trabalhadores em situações idênticas ou piores.

A greve ainda é o único meio de emancipação dos trabalhadores. Acordos ministeriais são engodos e panacéias. O Sindicato dos Motoristas e Trocadores tem a responsabilidade da classe, e não poderá abandonar esta para satisfazer interesses políticos.

Motoristas e trocadores de ônibus, ide ao vosso Sindicato e mostrai que a greve será, neste caso e em todos, o vosso único veículo. Do contrário, estareis alimentando interesses à custa de vosso sangue.

NEY

NO'S ANARQUISTAS

(Continuação da 2ª pag.)

Estado e a Igreja, um com suas leis, a outra com seus dogmas, seus inimigos capitais. Ensinamos que sua libertação há de ser obra sua e não esmola de governos. Sua libertação só virá com o esmagamento completo do adversário. Nossa obra é desenvolver essa convicção para que se torne força viva na classe proletária.

Estamos convencidos de que chegará o dia da liberdade, igualdade e fraternidade.

GERMINAL

Nota — A doutrina exposta nesse artigo é de todo ponto exata. Devo observar, entretanto, que as expressões *matéria* e *materialista* têm sofrido, nestes cinquenta anos, tão profundas modificações, que os termos empregados hoje, como outrora o foram, podem trazer confusões sérias. Proponho que o termo *materialista* seja substituído pelo termo *realista*. A palavra *matéria* é muitíssimo limitada para indicar a realidade no universo. Somos *realistas*, no sentido de que ad-

LIÇÃO DOS FATOS

João Martins

O sr. Costa Neto, ministro da Justiça, resolveu mandar uma circular aos interventores de todo o Brasil. Escudem-se os trabalhadores e defendam-se os brasileiros!!! O ministro da Justiça veste a pele da leão nos gatos da Constituição. O gato fantasiado é o artigo 158 que diz: «É reconhecido o direito, de greve, cujo exercício a lei regulará».

Pois bem, o sr. Costa Neto, para mostrar que não é desregulado, vai regular as coisas. Para começar, ensina que o direito de greve não pode ser exercido em amplitude, e vai taxando de provocadores os que assim não a entendam e propaguem. E ainda, diz também que estarão fora da lei e contra a maioria esmagadora os que não compreenderem o direito de greve com as restrições elaboradas num «plano sistemático de administração, dentro em breve, posto em execução em todos os pontos do Brasil». Vamos ainda gritar como palhaço de circo: temos uma carta magna!!! (?) Carta que foi feita em nome do povo para a miséria do povo, como todas as outras.

Direito de greve, nas condições em que está redigido, é brisa, é lorota, é mentira descarada. No fim, os trabalhadores elegeram, deram voto e deram emprego a um bando de calungas bem vestidos, para que? Para continuarem na miséria? Para mofarem nas filas? Continuarem sem condução? E irem pouco a pouco perdendo o direito de greve? Sim! Foi para tudo isso; porque, quem vota faz políticos, cria chefes e encomenda novos ditadores, enquanto o povo vive na sargeta.

A pretensão do sr. Costa Neto é interpretar e propagar como ilegal o direito de greve, ou, o que dará no mesmo, decretar os moldes e condições de greve. Passaremos a fazer greve à maneira do sr. ministro.

Trabalhadores!.. atentai bem no que se pretende organizar ainda mais contra vós todos. Não vos esqueçais do pensamento de Raphael Barret: «Tenho ouvido dizer mil vezes que há greves legais e ilegais.. mas eu não creio que haja greves legais, porque todos os homens têm direito de declarar-se em greve».

A greve é exatamente a maior e a melhor das vossas armas. Greve é luta contra os que nos exploram; logo, contra o patrão, contra os ministérios parasitários, contra o roubo e pela liberdade de classe. Protestemos ou seremos escravizados.

AGONIZA FRANCO

(special para Ação Direta)

Por mais que se esforcem os anglo-saxões; por muito que ponham no prato da balança fautora do regime terrorista imperante na Espanha, o povo mina cada dia as carcomidas bases em que ele assenta.

Detenções, atropelos, bárbaras sevícias, arrancando peitos a mulheres e desnucando mandíbulas a homens; contorsões provocadas por amputação de membros a puro garrotaço; os lanhos nas

carnes de homens pendurados aos tetos das chefaturas de polícia para fazê-los cantar, em nada contribuirão para escoramento de um regime a que têm favorecido todos os canalhas da terra.

Indalcio Prieto, político socialista, de sempre a quem mais der, o que zelosamente guarda o dinheiro que da Espanha trouxe para especular com quem o ajudar nas transações já próximas para solucionar o problema espanhol, deu no cravo, ao dizer que não só temos de conhecer a célebre expressão *burgos podres* com que se anatematizava o sistema de compra de votos para ganhar pleitos, mas também havemos de considerá-lo que *todo o mundo está podre*.

E, enquanto agoniza Franco sob a pressão interior e um político profissional qualifica *podre* o sistema capitalista, há quem, assinalados militantes da C. N. T. revolucionária, afirme a conveniência de ir à colaboração governamental, o que equivale a dizer que esta é a única forma de pôr ligaduras ao sistema e reforçar os crimes em seu nome praticados.

Hermoso Playa

*

Os marxistas disseram: «A terra para os que a trabalham». Esqueceram-se, porém, de acrescentar que os frutos que ela produz são levados pelos que não trabalham.

J. O.

F. Carranza

O governo e a greve

A GREVE é um direito do trabalhador e, como lei, está expressa na Constituição.

Os trabalhadores da AEROVIAS BRASIL S/A estão em greve. As autoridades estatais, no entanto, antes de se inteirarem do caso, mandaram homens da FAB para substituírem os grevistas. Tomaram de uma feita o partido dos mais fortes que são os patrões; são, portanto, dois fortes contra um fraco — o ESTADO e o CAPITAL contra o TRABALHADOR.

O gesto das autoridades estatais traiu o contrato de direitos e deveres que é a Constituição; portanto, senhores, nós, ante tamanha sordidez de caráter, temos de agir de uma maneira toda nossa, honesta e justa para com a classe.

Nossos camaradas que estão em greve lutam por um aumento de urgência para defenderem suas esposas, seus filhos e suas mães da FOME! da morte prematura imposta pelo proprietário de todas as cousas! Os patrões, no entanto, que não conhecem tais necessidades, não podem ou não querem compreender a ação irrevogável dos seus trabalhadores. O estado, por sua vez, sabotou nosso direito — o DIREITO DE GREVE —. E os dois, unidos, querem condenar ao desespero do desemprego suas próprias vítimas tão somente porque reclamam justiça... Os dirigentes do nosso Sindicato e a Comissão de greve tiveram de pedir clemência a tais autoridades criminosas empenhando-se agradecidos às mesmas! Até parece que não temos direitos pois somos obrigados a pedir FAVORES a homens contratados e pagos para nos servir.

Mas eles se enganam; a classe está unida e, unida, ela lutará pelos seus direitos, por seus camaradas sacrificados e pelo cumprimento dos contratos constitucionais. Como podem tais homens combater os «tubarões» se eles são os «tubarões» do direito? Como pode haver respeito e obediência à Lei se as próprias autoridades contratadas para fazer cumprir a Constituição, são as primeiras a crimina-rem contra ela?

Ora, a ninguém é dado o direito de praticar crimes! Haja visto ter, no dia 10, uma simples Circular-Decreto do Ministro da Justiça servido de emenda para a Carta outorgada pela Câmara e Senado, onde, várias outras emendas foram recusadas quando a mesma ainda estava sendo elaborada. E no entanto os «senhores» senadores e deputados não advertiram o colega criminoso, nem sequer defenderam as suas razões, reconhecendo assim que erraram ou que são fracos...

A classe aeroviária também sabe defender e lutar. Iremos à SABOTAGEM. Avisamos ao PÚBLICO que, por pagarem inocentemente, serão nossos jurados. Abstenham-se pois de viajar nos aviões da AEROVIAS BRASIL S/A se amam a vida e se lutam por uma DEMOCRACIA.

Contra as armas do Estado que sempre encapam os patrões, criminosos, as armas brancas da classe unida — GREVE, GREVE GENERALIZADA e SABOTAGEM. Não toleramos mais essa

Continua na 4.ª pag.

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147, A-2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

mitimos o real no universo e só o real, negando, a pés juntos, o fictício, o irreal. Mas sabemos hoje que o real vai muito além do material conforme o define a física.

21 de novembro de 1936

(Continuação da 1ª pag.)

que vi pela última vez o grande companheiro e amigo *Buenaventura Durruti*. Encontrei-o na redação de *Solidaridad Obrera* onde eu fora despedir-me dos colegas de redação, pois, nessa mesma noite, eu devia embarcar para *Palma de Mallorca*, capital das *Baleares*, afim de tomar parte, no dia seguinte, num comício contra a guerra e contra o fascismo.

Durruti estava com *Ascaso*, *Garcia Oliver*, *Liberto Callejas* e *Mariano Vazquez*, e ao dar-lhe o meu abraço de despedida disse-me carinhosamente: «...*Velho vais para mau lugar; não esqueças que Mallorca é a terra de Juan March, o fascista mais perigoso da Espanha, e se, como afirmam, os reacindrios derem o golpe na próxima madrugada, a tua vida correrá perigo, pois nas Baleares não existe organização operária para fazer-lhes frente...*»

Abraçei o querido amigo e parti para o porto afim de embarcar no «*Ciudad de Valencia*» para *Mallorca*. Como militante, não podia fugir ao cumprimento dos meus deveres.

Já a bordo recebi a notícia de que *Franco* tinha dado o grito de revolta em *Santa Cruz de Tenerife* — *Ilhas Canárias* — e passara de avião para *Marrocos* afim de sublevar as tropas do protetorado.

Na madrugada do dia 19 de julho, *Luiz Companys*, presidente da *Catalunha*, chamou ao seu despacho no *Palácio da Generalitat* a *Durruti*, *Ascaso*, *Garcia Oliver* e *Mariano Vazquez* aos quais disse de forma dramática: «—*Los militares se han lanzado a la calle, quieren instaurar en España un régimen fascista, y solo vosotros, los hombres de la C. N. T., y la F. A. I. con vuestro valor jamás superado podéis salvar la situación.*»

Uma hora mais tarde, a *CNT* e a *F. A. I.* mobilizavam o proletariado de *Barcelona*, surgindo pelas *Ramblas*, pelo *Paralelo* e outros pontos estratégicos da cidade, grupos armados a cuja frente marchavam os militantes mais ativos da organização confederal, entre eles o grande herói popular *Buenaventura Durruti*.

Ao vê-lo, empunhando um fuzil, pronto para a luta, a multidão, cheia de entusiasmo, gritava com delírio: *Durruti!... Durruti!... Viva la C. N. T... Viva la F. A. I.*

E, ao romper da manhã, à frente desses grupos de bravos, acompanhado de *Ascaso*, *Garcia Oliver*, e outros militantes, *Durruti* iniciava a luta contra os fascistas.

Atarazanas...

A conquista do *Quartel de Atarazanas*, verdadeiro baluarte no qual estavam entrincheirados os fascistas, dispondo de grande número de armas e munições, lembra, pelo seu dramatismo, a conquista da *Bastilha* em 1789. A peito descoberto, tendo a frente os seus heróicos militantes, os homens da *C. N. T.* marchavam como loucos na defesa da liberdade.

Quando, após três horas de luta titânica, o povo chegava à porta da *Fortaleza*, vencendo os sublevados e apoderando-se das suas armas, mais de 600 cadáveres cobriam as ruas que conduzem ao *Quartel de Atarazanas*. Entre eles, o de *Francisco Ascaso*, companheiro inseparável de *Durruti*, morto com um tiro de fuzil, quando, delirando de alegria, ia penetrar no reduto fascista...

As Milícias de Durruti.

Livre *Barcelona*, era necessário impedir que a província e as demais cidades da Região fossem dominadas pelo fascismo, e *Durruti*, nessa mesma noite, de acordo com os militantes do movimento confederal, organizava a sua *Coluna de Milicianos*, que passou à história com o nome de *Coluna Durruti* e, ao grito de «—*Vamos hacia Aragon compañeros*—» iniciou a marcha da vitória.

E partiu pelas terras de *Catalunha*, lutando contra as hordas fascistas que ia vencendo heroicamente, e, livre essa região, penetrou triunfalmente em terras de *Aragão*, tendo como objetivo a conquista de *Saragoça*...

Na cidade de *Bujaraloz*, em pleno território de *Aragão*, estabeleceu *Durruti* o seu quartel geral, e este quartel era a barreira de aço na qual um punhado de bravos impediria a marcha das hordas franquistas sobre *Catalunha*. É impossível descrever, numa simples biografia, a epopéia sublime da *Coluna Durruti*, a história já a tem gravada nas suas páginas de glória.

Limpando a Retaguarda...

Numa das suas viagens a *Barcelona*, onde vinha amedida para reclamar dos combatentes civis o máximo de esforços na produção, para tornar mais intensa e eficaz a luta contra o inimigo comum, *Durruti* viu, com profundo desgosto, que ainda existiam na cidade grande número de *Cabarets*, *Cassinos* e outros centros de corrupção frequentados na sua maioria por granfinos.

Num discurso veemente, *Durruti* condenou a conduta indigna dos que se divertiam na retaguarda com orgias vergonhosas, enquanto nas frentes de combate, um punhado de bravos expunham suas vidas pela liberdade e, como alguém intimamente ligado ao governo afirmara que seria difícil pôr termo a essa situação, *Durruti* respondeu com energia: «*Esto lo arreglo yo*».

Na noite seguinte, 15 caminhões da *Coluna Durruti* entraram subitamente em *Barcelona*, e após um assalto em regra a todos os cassinos e cabarets, efeturam a detenção de todos os granfinos e granfinas que neles se encontravam. Os homens foram conduzidos nos caminhões para a frente de batalha, onde de pá e picareta foram obrigados a trabalhar na abertura de trincheiras e as mulheres empregaram as suas atividades nos ateliers de *S. I. A. Solidaridad Internacional Anti fascista*, trabalhando como costureiras na confecção de roupas para milicianos e crianças...

Desta forma procedia *Durruti* com os covardes.

Madrid está em perigo! Corramos em seu auxílio...

Este grito de angústia foi ouvido em *Barcelona* nos primeiros dias de novembro de 1936. A ele não podia ser surdo o grande *Durruti* que disse aos seus bravos milicianos; *Catalunha está livre do fascismo, salvemos Madrid, que, salvando-a, ganharemos a guerra e conquistaremos a liberdade...* E, sem perder minuto, partiu com os seus milicianos para a capital da *Espanha*.

Um miliciano que estava em *Madrid* naquelas horas de inquietude contou-me que, quando os fascistas já estavam às portas da cidade e os mouros tinham chegado à chamada *Puente de los Franceses*, a rádio deu notícia de que *Durruti* saíra de *Barcelona* com os seus guerrilheiros. Então

— continuou o meu amigo — a multidão invadiu as ruas cheias de entusiasmo gritando com verdadeiro delírio: «*Que viene Durruti... Viva la C. N. T... Viva la F. A. I...*»

E *Durruti* chegou a *Madrid*, e os seus milicianos, com o mesmo heroísmo com que tinham libertado *Barcelona*, lutaram para conter os ataques furiosos das hordas franquistas, e com eles, é justo dizer-lo, estavam os trabalhadores da *U. G. T.* do *Partido Socialista*, de todos os setores políticos, porque o povo de *Madrid* amava a liberdade e repetia sempre com entusiasmo esta frase, que é um símbolo de abnegação e sacrifício: «*No pasarán... E Madrid não caiu...*»

21 de novembro...

Morte de Durruti, a maior figura da guerra espanhola

Dia triste para os libertários espanhóis, para quantos lutavam contra as hordas franquistas. *Durruti*, o homem generoso e heroico que um dia pronunciara estas palavras simbólicas: «*Renunciamos todo menos a la victoria*», renunciava a própria vida para livrar a *Espanha* da tirania.

Ao lado dos seus queridos milicianos, uma bala certeira, bala misteriosa e enigmática, partida da janela de um hotel, atravessou o coração daquele gigante, símbolo de abnegação e heroísmo, cujo nome figurará eternamente nas páginas em que a *História Humana* glorifica os *Mártires de Liberdade*.

Combatendo a tirania franquista, recordemos e imitemos *Durruti*. Ao terminar esta singela biografia, recordo as palavras que pronunciei no dia 5 de janeiro de 1936, no grande comício do *Cinema Olympia* de *Barcelona*:

«*Durruti é un Gigante con Corazón de niño*».

O governo e a greve

(Continuação da 3ª pag.)

proteção do governo aos capitalistas, contra nós, trabalhadores. Dizem eles que nada temos e que, portanto, nada perdemos; é uma injustiça, e senão vejamos: é o **TRABALHO QUE SUSTENTA O CAPITAL**, ou é O **CAPITAL QUE SUSTENTA O TRABALHO**? Num banco, o dinheiro depositado é que sustenta o juro, e o **CAPITAL** é um juro, logo, o **TRABALHO É QUE SUSTENTA O CAPITAL**.

Aguardem os fatos, e eles só se realizarão se as autoridades estatais e os patrões, que devem zelar pelo bem geral, concordarem!

OU A VITÓRIA OU A SABOTAGEM, SENHORES!

Peloriano Maia
Aeroviário

AOS LEITORES

Com a longa homenagem a *Durruti*, homenagem necessária para os leitores do *Brasil* conheçam os grandes vultos do anarquismo e sua ação na verdadeira luta social, tão diferente da dos líderes políticos, tivemos de sacrificar artigos e notícias já compostos. Estamos certos de que colaboradores e leitores nos desculparão.

OS GUERRILHEIROS DO PIEMONTE

Certa imprensa, desclassificada e oportunista, publica telegramas da *Itália* onde se injuriam os guerrilheiros do *Piemonte* de *fascistas* e se louva o governo atual de *Itália* que se dispõe a exterminá-los.

Havemos aqui, em números sucessivos, de mostrar quem são os verdadeiros fascistas na península italiana. Hoje, trasladamos, para conhecimento dos companheiros anarquistas do *Brasil*, o manifesto publicado pela *Federação Anárquica Piemontesa*, dirigido aos denodados rebeldes do *Piemonte*, informados com a *anistia ampla* concedida aos mais criminosos fascistas, que voltaram a seus empregos, às suas propriedades, aos seus palácios e a sua propaganda, graças aos votos dos partidos ditos da esquerda, o socialista e o comunista, ao passo que nas prisões permanecem numerosos guerrilheiros presos no tempo do fascismo. A república nega aos guerrilheiros o direito sequer de viver.

Eis a proclamação. Grifaremos alguns períodos.

Aos guerrilheiros (partigiani)

O exemplo por vós dado nestes dias, retomando as armas e saltando aos vales já regados por vosso sangue, demonstrou que vossa audácia, vosso espírito de rebelião e vossa vontade de luta não mudaram.

Governos, partidos e homens políticos, impressionados com vossa manifestação de força, conjuram-vos a voltardes à legalidade, assegurando que vossas exigências seriam tomadas na devida consideração.

Muitas as promessas a vós feitas Poucas serão, como sempre, mantidas.

Dar-vos-ão, se derem, pensões que serão sem dúvida alguma, de fome. Facilitar-vos-ão acesso às fileiras da força policial e assim vos tornareis instrumentos inconsistentes de defesa dos ricos, dos privilegiados, dos esmeadores do povo. Tirar-vos-ão do desemprego para mandar-vos a estaleiros e oficinas suar e cansar-vos acumulando riquezas para os capitalistas e assegurando aos tranquilos burgueses seus ócios e todos os seus lucros.

Vós, ânimos generosos, vós que combatestes, na luta pela libertação, em nome da justiça e da liberdade, verificastes agora que *Justiça e Liberdade* são nomes vãos nesta sociedade de desfrutadores e opressores.

Todos os sacrifícios por vós feitos, o sangue por vós derramado, a vida imolada pelos vossos companheiros foram-se em proveito exclusivo dos ambiciosos, dos especuladores de toda casta.

E a reação, que supuseste debelar, muito cedo retomou seu predomínio. O fascismo, que pensaste haver aniquilado, apresta-se a ressurgir com a cumplicidade de um governo que transforma em benemerência, a traição, a espionagem e a colaboração com os nazistas, e considera delitos e golpes as ações generosas dos vossos companheiros que lutaram pela causa da liberdade. *A anistia premiou os traidores, mas ignorou os guerrilheiros.*

Vós hoje, ó guerrilheiros do *Piemonte* e de toda a *Itália*, tendes uma grande missão que cumprir. *E' o problema da questão social que deveis enfrentar no seu complexo*, com vossa decisão e firme vontade de agir.

Deveis ser os pioneiros da grande luta pela emancipação de todos os oprimidos.

Os trabalhadores e todas as vítimas de uma sociedade organizada apenas para assegurar lucros e bem estar a uma casta de parasitas, pretendem sacudir o jugo que o oprime. Deveis estar a seu lado nesta luta que deverá terminar com o triunfo da verdadeira justiça e da verdadeira liberdade.

Guerrilheiros do *Piemonte*! Em muitos de vós esvoaça esse espírito generoso e fremente por uma luta que extinga a miséria, a fome, os privilégios e todas as injustiças sociais.

Não desarmeis tal espírito, apurai vossa vontade, estai prontos a combater pela redenção vossa e a de todos os oprimidos.

Os revolucionários de *Itália* em vós confiam. Tende, guerrilheiros de *Itália* a nossa mesma fé na revolução social.